



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANAS - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/ PORTUGUÊS**

KAUANE DE OLIVEIRA RIBEIRO

**REALISMO E DISTOPIA EM “A EXTINÇÃO DAS ABELHAS”, DE NATALIA
BORGES POLESSO**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2024**

KAUANE DE OLIVEIRA RIBEIRO

REALISMO E DISTOPIA EM “A EXTINÇÃO DAS ABELHAS”, DE NATALIA BORGES POLESSO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária

Orientador: Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R484r Ribeiro, Kauane de Oliveira.
Realismo e distopia em "A extinção das abelhas", de
Natalia Borges Polesso [manuscrito] / Kauane de Oliveira
Ribeiro. - 2024.
40 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Agrárias, 2024.
"Orientação : Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. literatura brasileira. 2. romance contemporâneo. 3.
realismo. 4. distopia. I. Título

21. ed. CDD 869.909

KAUANE DE OLIVEIRA RIBEIRO


REALISMO E DISTOPIA EM “A EXTINÇÃO DAS ABELHAS”, DE NATALIA BORGES
POLESSO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso de Licenciatura Plena em
Letras/português da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Graduada em Licenciatura Plena em
Letras Português.

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária

Aprovada em: 21 /06 /2024.

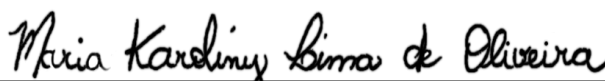
BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 JOSE HELBER TAVARES DE ARAUJO
Data: 28/06/2024 08:49:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Bianca Sonale Fonseca da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)



Prof. Me. Maria Karoliny Lima de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a Deus que é um alicerce em minha vida.

“O presente que se ignora vale o futuro.”

Machado de Assis
A Cartomante (1884).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ser minha força, refúgio e fé durante minha jornada acadêmica. A minha família por me apoiar e incentivar desde o início, concedendo toda assistência que puderam. Ao meu namorado Cleverton Felipe, que sempre esteve comigo, me auxiliando a todo momento que precisei, sendo meu suporte, meu incentivo diário.

Em seguida gostaria de ressaltar minha gratidão ao meu orientador, José Helber, por me conceder bolsa Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e por sua orientação deste trabalho, enriquecendo minha formação acadêmica, com discussões de textos e orientações a respeito das pesquisas, fomentando oportunidade de aprendizados e experiências fundamentais para o meu futuro tanto academicamente quanto profissionalmente ao demonstrar na prática o ofício da ciência.

A minha colega Maria Paloma Nunes Santos, que foi minha dupla nos trabalhos acadêmicos desde o início da jornada, sempre me ajudou e apoiou nos estudos, e tivemos a oportunidade de compartilhar diversos conhecimentos na universidade.

Quero agradecer de forma especial a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), pelas oportunidades e financiamentos das pesquisas, pelas quais tornaram essas experiências possíveis ao longo dessa caminhada acadêmica e profissional no fomento de uma educação superior, íntegra e exemplar digna que sem dúvidas é essencial rumo a um futuro melhor, aos quais destino singelamente os meus mais sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	ROMANCE BRASILEIRO RESSALTANDO QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS.....	13
2.1	Do realismo e suas relações com o Antropoceno.....	14
2.2	Da Distopia e suas relações com o Antropoceno.....	18
3.	ANÁLISE EM “A EXTINÇÃO DAS ABELHAS”, SOB PERSPECTIVAS REALISTAS E DISTÓPICAS.....	22
3.1.	Antropoceno representando aspectos reais a partir da análise crítica.....	24
3.2.	Distopia como reflexão dos modos de vidas contemporâneas.....	29
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS	39

REALISMO E DISTOPIA EM “A EXTINÇÃO DAS ABELHAS”, DE NATALIA BORGES POLESSO

REALISM AND DYSTOPIA IN “THE EXTINCTION OF BEES”, BY NATALIA BORGES POLESSO

RESUMO

O seguinte trabalho tem como objetivo realizar uma análise-interpretativa do romance *A extinção das abelhas* (2021) de Natalia Borges Polesso. A obra é marcada por apresentar uma visão de uma sociedade distópica a médio prazo que, dialeticamente reproduz um sentimento atual da conjuntura social brasileira. A ideia geral desta pesquisa traduz-se na compreensão das permanências da crise socioambiental, vinculadas às formas de vida que tem em seu lastro um pano de fundo social, cada vez mais intensificado pela “nova razão do mundo”, neoliberal, da ascensão de uma direita extremamente agressiva àquilo que se preservava ainda as relações humanas. Posto isto, interpomos como temas centrais que englobam a contemporaneidade o realismo e a distopia, categorias que serão discutidas na narrativa de Polesso e nos romances brasileiros contemporâneos em maior abrangência. Para fundamentação teórica, nossa leitura dialogará sobretudo por meio de postulações de autores como Dalcastagnè (2012), Menegat (2014), Lima (2021). A extinção das abelhas trata de um retrato do tempo brasileiro atual, de uma sociedade sob um governo de extrema direita, de uma falta de perspectiva de vida pessoal/social e de um momento de cataclismo ambiental.

Palavras-Chave: Literatura Brasileira; Romance Contemporâneo; Realismo; Distopia.

ABSTRACT

The aim of this paper is to carry out an interpretative analysis of the novel *A extinção das abelhas* (2021) by Natalia Borges Polesso. The work is remarkable for presenting a vision of a dystopian society in the medium term that dialectically reproduces a current sense of the Brazilian social conjuncture. The general idea of this research is to understand the permanence of the socio-environmental crisis, linked to ways of life that have a social backdrop that is increasingly intensified by the neoliberal “new reason for the world” and the rise of a right-wing that is extremely aggressive towards what is still preserved in human relations. Having said that, the central themes that encompass contemporaneity are realism and dystopia, categories that will be discussed in Polesso's narrative and in contemporary Brazilian novels to a greater extent. In order to provide a theoretical foundation, our reading will rely mainly on the postulations of authors such as Dalcastagnè (2012), Menegat (2014) and Lima (2021). The extinction of the bees is a portrait of current times in Brazil, a society under an extreme right-wing government, a lack of personal/social life prospects and a moment of environmental cataclysm.

Keywords: Brazilian Literature; Contemporary Novel; Realism; Dystopia

1 INTRODUÇÃO

Ao analisar um romance brasileiro contemporâneo que contém várias questões socioambientais, discutidas em conjunto, agregaremos duas questões na narrativa que se inter-relaciona com o nosso tempo presente: realismo e distopia. Estas duas chaves de leitura se integram na “*A Extinção das Abelhas*” (2021), de maneira que podemos observar que o realismo pode nos levar a vivenciar a distopia assim como a distopia precisa conter diversos elementos da realidade.

Considerando a realidade contemporânea da sociedade brasileira, logo destacamos os principais problemas que estamos enfrentando em nosso planeta, problemas que nós seres humanos estamos formando e intensificando cada vez mais sem pensar nos riscos para a vida. De início, podemos observar várias ações diretas de nós seres humanos que estão afetando o planeta terra de forma destrutiva e que, de certa maneira, poderá algum dia nos levar totalmente ao caos, seja, político, econômico, alimentar, social, global. Dentre as ações que ressaltamos prejudiciais no atual contexto ressaltamos: aumento da produção de lixo, poluição, avanço tecnológico a favor da destruição da natureza, uso de agrotóxicos em excesso, desmatamento, poluição dos rios, emissão de gás carbônico, depredação das zonas de proteção ambiental, aumento dos preços que têm como consequência a fome, consumismo irresponsável e dentre outras.

Desse modo, tendo em vista esta realidade, provavelmente o que é ficção distópica no tempo atual, talvez se torne a nossa triste realidade futuramente, e é sobre isso que a distopia se refere: no mundo distópico a sociedade é totalmente oprimida, em que não se pode ter senso crítico, pensar, direitos, acesso ao necessário como água, alimentos, remédios, moradias, e etc. O mundo distópico é onde reina o caos, é onde podemos observar uma sociedade em que não há condições básicas para os seres humanos viverem. Mas não é a situação atual de grande parte da população mundial? À vista disso, propomos uma hipótese, a qual se os problemas continuarem se intensificando em nossa realidade, poderemos vivenciar experiências de um mundo distópico como normalidade.

Nesse sentido, a distopia vem sendo bastante desenvolvida em livros, filmes, séries diversas. Em relação aos livros, destacamos os seguintes: o livro *A revolução dos bichos* (1945), de George Orwell, que trata da revolução dos animais contra os humanos que são os donos dos animais, ou seja, os animais não satisfeitos com a vida que tinham e como seus donos os tratavam, resolveram fazer uma revolução e buscar seus direitos. Já no outro livro,

1984 (1949) do mesmo autor que retrata sobre distopia, onde o Estado é muito autoritário, controlador e manipulador, e até certo ponto, o que é distopia neste romance, hoje se tornou realidade, é interessante observar como alguns acontecimentos do romance, que hoje em dia é nossa realidade.

Assim como a distopia está presente em livros, da mesma forma também podemos apreciá-la em filmes, tal como o filme, *Jogos Vorazes* (2012) de Francis Lawrence, que apresenta um cenário distópico em que são escolhidos alguns jovens, considerados mais pobres para lutar com outros. Basicamente estes jovens são obrigados a fazerem o que fazem devido a coerção da população rica. O objetivo é sobrevivência, a luta é filmada para um programa televisionado, ou seja, é mais uma forma de entretenimento para população capitalista.

Do mesmo modo que a distopia está presente em livros e filmes, também está contida em séries, a qual podemos citar como exemplo *Sweet Tooth* (2021). A série apresenta um cenário pós-apocalíptico e uma mistura da raça humana com animais, ou seja, nascem bebês parte humano e parte animal, sendo assim, a série em si contém um simbolismo em relação ao avanço da ciência e as consequências em torno da ação humana, que incluem as alterações das características natas, fazendo alusão de um futuro de transgenia genética.

A obra que será trabalhada nesta linha será um romance brasileiro da literatura contemporânea, a saber, *A extinção das abelhas* (2021), de Natalia Borges Polesso. Esta obra é um romance que trata sobre uma história brutal sobre uma mulher e um mundo em colapso. Este romance possui dois personagens principais, mãe e filha, em que podemos conhecer realidades diferentes, mundos diferentes. A filha, protagonista, luta sozinha para enfrentar seus sentimentos, a vida social, problemas em relação a política pública, inflação, desemprego, descaso ambiental e finalmente o colapso.

Dessa maneira, o objetivo deste trabalho consiste em realizar uma análise-interpretativa do romance *A extinção das abelhas*, (2021) destacando aspectos reais e distópicos que a obra possui, levando em consideração questões sobre a sociedade brasileira atual. Podemos observar que esta obra possui alguns atributos que se relacionam com nossa sociedade a partir dos problemas socioambientais, como as questões do uso excessivo de agrotóxicos que afetam bastante as abelhas, plantações e a nós mesmos, a inflação absurda que está presente tanto no romance, como em nossa realidade e políticas públicas e ambientais. Assim, durante a narrativa, percebe-se que são as atitudes e comportamentos dos personagens que vão se agravando cada vez mais e com isso acontece o caos social,

instalando-se um cenário distópico, ou seja, pior cenário que a humanidade já imaginou viver, e com isso, encontram-se em uma nova realidade, totalmente diferente, destruída, de exigência de adaptação.

Levando em consideração nossa realidade próxima a um cenário distópico, podemos refletir sobre os seguintes questionamentos: O que tanto está afetando o planeta? Tem-se feito ou estamos fazendo algo para evitar? Como fazer para reverter nossa situação atual e não chegar ao cenário da distopia? No romance da Polessa, identificamos várias questões que, ao longo da narrativa, desenvolvem um cenário que vai de uma sociedade à beira de um colapso para quando realmente o colapso acontece. A transição em que a realidade se torna uma distopia. No momento que temos todos estes acontecimentos, é importante mencionar que o antropoceno é um dos fatores determinantes. O antropoceno é um novo termo para nomear a época atual em que estamos vivendo, e é caracterizado pelos impactos das ações humanas no mundo, e que está manifesto em *A extinção das abelhas* (2021).

É importante ressaltar que este trabalho de conclusão de curso é fruto de uma pesquisa em que estava sendo desenvolvida através do projeto de iniciação científica, em que participei na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, durante um ano, no período referente a 2022 - 2023. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC¹, me proporcionou adentrar na pesquisa de maneira instigante, onde pude desenvolver habilidades de pesquisa, escrita, e obter novos conhecimentos.

Juntamente ao meu orientador, Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo, tive a oportunidade de desenvolver um projeto de pesquisa, o qual pude apresentar como estudo final de curso. A Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba – FAPESQ², financiou esta pesquisa durante um ano, agradeço imensamente, visto que, me proporcionou oportunidades de avançar ainda mais em meus estudos.

Este trabalho se organiza da seguinte forma: discutiremos primeiramente uma fundamentação dos termos essenciais de nossas categorias teóricas, isto é, vamos nos deter mais cuidadosamente nas questões da distopia e do realismo enquanto antropoceno, dispondo de alguns teóricos como: Candido (2006), Dalcastagnè (2012), Lima (2021). Na segunda parte do trabalho, analisaremos o romance de Polessa a partir dos termos discutidos, sempre atentos para a concepção dialética da crítica literária.

¹ <https://www.gov.br/cetem/pt-br/capacitacao/pibic-e-pibit/programa-institucional-de-bolsas-de-iniciacao-cientifica-pibic>

² <https://fapesq.rpp.br/Institucional>

2. ROMANCE BRASILEIRO RESSALTANDO QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS

O romance *A extinção das abelhas* (2021) expõe uma visão de um mundo futuro (aterrorizante) e de como as ações humanas foram tão prejudiciais ao planeta terra e a eles mesmos que, os levaram a viver em um mundo distópico. Ao propormos estudar uma obra da literatura brasileira, sob a ótica de análise do que ela aborda do realismo e da distopia dos nossos dias, podemos refletir sobre às tensões dos problemas sociais e ambientais da sociedade brasileira contemporânea, e também discutir sobre um ponto sensível ao debate atual na esfera geopolítica: uma possível nova época geológica, o antropoceno. À vista disso, encontramos no romance, de um lado, o realismo das temáticas sociais cotidianas (política, economia, fome, desemprego, saúde, moradia, democracia, violência), e por outro lado, às questões ambientais (uso excessivo de agrotóxicos, poluição, mudanças climáticas, desmatamento). Existe claramente uma correlação entre os dois tópicos. Ao longo do trabalho, iremos evidenciar que a configuração estética do romance se dá a partir da dinâmica e entrecruzamento destes dois aspectos. Logo, quando realizamos a nossa crítica literária, é notório que da análise romanesca conseguiremos dialeticamente desenvolver uma análise também com proveitos para sociedade refletir em relação a vida contemporânea.

Em relação a crítica literária, Candido (2006, p. 14) aponta que: “(...) quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar”. Ao analisarmos uma obra literária, temos que levar em consideração todos aspectos, como a escrita, organização, capítulos, temática, questões sociais, ambientais e dentre vários aspectos que são essenciais para concepção de uma obra, no uso de uma narrativa. A respeito da análise crítica, é comum que priorizemos por um tema específico, como é o caso desta pesquisa que foi determinada para estudar aspetos realistas e distópicos no romance “*A extinção das abelhas*” (2021) de Natalia Borges Polesso. Uma obra contemporânea e admirável para quem busca narrativas distópicas e também para refletir sobre acontecimentos contemporâneos, podendo observar quais são as causas e consequências que podem nos levar a um cenário antiutópico.

Desse modo, podemos observar que segundo Dalcastagnè (2012, p. 1) “É difícil pensar a literatura brasileira contemporânea sem movimentar um conjunto de problemas, que pode parecer apaziguado, mas que se revelam em toda sua extensão cada vez que algo sai de seu lugar”. Muitos autores em suas obras literárias redigem suas narrativas centradas

em tópicos sociais diversos, no sentido de ampliar cada vez mais discussões em torno das questões abordadas em suas obras, e ao mesmo tempo, podemos observar que são temáticas bastante relevantes para que possamos compreender o início das problemáticas, o porquê, e dentre vários temas que possam surgir a respeito dos dilemas sociais que estamos enfrentando atualmente, e para que possamos refletir sobre o que sucede no campo social em que vivemos, conhecer culturas diversas, realidades de outros países, formas de vidas passadas, hipóteses para à vida ainda porvir.

2.1. Do realismo e suas relações com o Antropoceno

O romance “*A extinção das abelhas*” (2021), retrata inúmeros problemas, acontecimentos que estão presentes em nossa vida social contemporânea, os quais são: economia, política, democracia, agrotóxicos, tecnologia, sanções, família, saúde mental, poluição, desgoverno e dentre outras questões importantes que estão relacionadas a sociedade atual brasileira, e suas ações que afetam principalmente a natureza, e que podem levar ao pior cenário em que o planeta Terra pode encontrar como destino. Como podemos observar que:

Por certo é o resultado de experiências definidoras de um processo em cascata de transformações somente esperadas por quem olhava o futuro pelo espelho retrovisor. Esse processo foi a articulação de três atos separados por um tempo curto, cuja unidade demoramos a perceber: o fim da era das revoluções modernizadoras na periferia, que a contrarrevolução preventiva de 1964 assinalou para a América Latina; a materialização desse estreitamento de expectativas no centro, com a derrota do Maio de 1968 e a tempestade de gelo que sucedeu; e, por fim, a crise sinalizadora dos limites lógicos do capitalismo, iniciada por volta de 1973. Desde então, a história da humanidade tem sido, quando não se está para cortinas de fumaça, uma contínua catástrofe social e ecológica (Menegat, 2014, *apud*. Arantes, 2014. p. 11).

De fato, são os feitos humanos que estão levando o planeta em direção a catástrofe, melhor dizendo, ao cataclisma ambiental, social, política, econômica e dentre outros. A população está caminhando inconscientemente (ou conscientemente, mas não intencional) para um horizonte onde existem as piores perspectivas de vida, onde a consequência de suas ações traz severos ônus para a humanidade. Mencionando os atos destrutivos ao planeta, vinculamos a estes acontecimentos o antropoceno, o qual se caracteriza como período pelo qual os impactos dos seres humanos no planeta Terra podem ser distinguidos de modo perceptível a comunidade científica mundial. Antes de entendermos a natureza do

termo antropoceno, dirigimo-nos aos termos que representam as épocas anteriores ao antropoceno, para termos uma melhor apreensão do contexto em que este novo termo está inserido. Então, apontamos o pleistoceno e holoceno, que são épocas que se encontram no período quaternário, o qual é o mais recente. Como podemos observar:

É a última fase do tempo geológico e a mais recente. Divide-se em: Pleistoceno e Holoceno. O Pleistoceno corresponde à época em que se observam os episódios de glaciações sucessivos mais recentes, quando cerca de 30% da superfície da Terra estava coberta por gelo. O nível do mar apresenta-se baixo e proporciona a formação de grandes lagos. Finalizando o período Quaternário, inicia-se há 11.000 anos, a época chamada de Holoceno, considerado um período interglacial dentro da atual idade do gelo. Há cerca de 2 milhões de anos, surge o gênero Homo, e, há cerca de 130.000 anos surge o homem moderno – Homo Sapiens (Popp, 2012 *apud* Silva, M. V. C., 2015, p. 31).

Então, o pleistoceno é a época que pode ser conhecida como “a era do gelo”, em que várias partes da Terra foram atingidas pelo gelo. Na sequência, alcançamos a época do holoceno, o qual é conhecido pelo clima atual, onde o gelo não predomina como predominava antes no pleistoceno. O holoceno é o período da atualidade, o qual estamos vivenciando, sendo caracterizado pela estabilidade climática. Tendo em vista este contexto em relação as essas épocas geológicas anteriores, surge então outra possível época geológica, que pode encaixar no período atual de grandes transformações, onde a humanidade está afetando bastante a natureza, com as ações do homem. Para entendermos melhor, podemos observar o surgimento deste novo termo, o antropoceno:

A primeira aparição pública do termo, já como proposição de nomeação de época geológica, deu-se na edição de maio de 2000 na Global Change Newsletter, uma publicação do Programa Internacional Geosfera-Biosfera, em texto assinado por Crutzen e Stoermer (2000). Crutzen reapresentou a ideia na edição de 3 de janeiro de 2002 da revista Nature (Crutzen 2002) Crutzen 2002. *apud* Marras & Taddei, 2022, p. 9-10).

O antropoceno surgiu como uma nova nomenclatura, de uma nova era geológica que está sendo marcada pelas ações antrópicas mais drásticas (desmatamento, queimadas, descarte de lixo impróprio, aquecimento global, uso excessivo de agrotóxicos e dentre outros) no planeta Terra, de modo que prejudicam paradoxalmente a continuidade da vida para nossa espécie, seres humanos causadores de todas as transformações atuais. Ao mesmo tempo que são tantas as formas de deixarmos nossas “marcas” no mundo em que vivemos, optamos então por uma maneira danosa, com todas as construções no solo, escavamentos, extrações, poluições. Desse modo, a partir da evolução tecnológica e no momento em que

ganha maior intensidade pelo mundo, surgiram novas formas de impactar o planeta de maneira mais nociva, ao solo, atmosfera, biosfera, hidrosfera e litosfera. No momento em que o termo antropoceno ganha visibilidade, muitos estudiosos abordam e discutem sobre esta possível nomeação da nova época atual em que estamos vivendo, e destacam características que acompanham a nova época. Como podemos observar:

Em termos formais, o conceito de Antropoceno faz referência a uma época geológica evidenciada por registros estratigráficos, ou seja, pela maneira como as camadas de solo se formam pela deposição de matéria. As evidências que sustentam o argumento em favor da adoção do conceito referem-se às maneiras como a atividade industrial alterou a composição química da atmosfera, seu padrão de radioatividade e parte representativa dos materiais que ocupam a superfície do planeta. Níveis excessivamente altos de dióxido de carbono, metano e outros gases do efeito estufa afetam a fisiologia das plantas e seu metabolismo, alteram os regimes de chuva e acidificam os oceanos, transformando assim todos os ecossistemas do globo (Marras & Taddei, 2022, p. 10)

Ao longo dos anos, cientistas encontraram partículas de poluição na água, em animais, na atmosfera, oceanos, solo, isto é, por toda parte encontramos vestígios de produtos criados pelos humanos, como os objetos, lixos, agrotóxicos, concreto, plásticos entre outros. Então, para definir essa nova época dos seres humanos, necessita-se de características e grandes ações da humanidade sobre o mundo. Tudo que as pessoas já fizeram e fazem que impactam toda a natureza, no modelo capitalista de produção, acabaram sendo em sua maioria, ações destrutivas e de grandes impactos, ao globo, e a nós mesmos. O atual momento climático seria uma espécie de consequências destas ações. Principalmente em relação a poluição e mudanças climáticas, que ao decorrer do tempo só tende a agravar ao ponto de termos que nos readaptar ao novo ambiente, totalmente danificado.

Em 2020, a quantidade de materiais artificiais presentes na superfície do planeta, em massa, ultrapassou a de toda biosfera. Isso significa que há mais concreto, tijolos, asfalto, metais e agregados usados em construção civil do que tudo que é vivo no planeta. A construção civil move mais sedimentos do que todas as bacias hidrográficas do mundo somadas (Marras & Taddei, 2022, p. 10).

Com todas estas alterações na natureza, podemos perceber as mudanças no meio ambiente, destacando principalmente as mudanças climáticas que estão afetando tanto a população, quanto o planeta e os animais. Atualmente presenciamos várias notícias em relação ao aumento da temperatura, do aquecimento global, o qual é causado principalmente pelo desmatamento e também pela queima de combustíveis fósseis. O que

ou quem é a causa das mudanças climáticas, do aquecimento global? Quem desempenha o trabalho da queima de combustíveis? Quem desmata as florestas? Quem é responsável pelas queimadas? Somos nós, sem dúvida alguma. E mesmo tendo consciência que estas atividades prejudicam o meio ambiente, alterando o clima, e dificultando nossas vidas em vários aspectos, até este momento, maior parte da população pratica atividades sustentáveis que ajudem o meio ambiente. Como podemos observar, as consequências do aquecimento global, de acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) de 2017 são:

As consequências do aumento de temperatura são graves para todos os seres vivos, incluindo o homem. O aquecimento global tem impactos profundos no planeta: extinção de espécies animais e vegetais, alteração na frequência e intensidade de chuvas (interferindo, por exemplo, na agricultura), elevação do nível do mar e intensificação de fenômenos meteorológicos (por exemplo: tempestades severas, inundações, vendavais, ondas de calor, secas prolongadas), entre outros. Essas conclusões foram obtidas após análise dos diversos cenários de emissões de gases de efeito estufa para os próximos 100 anos, feitas por cientistas do IPCC. As ações humanas têm interferido sobre o ambiente num ritmo muito acelerado. Estudos indicam, por exemplo, que, enquanto a temperatura média global subiu, aproximadamente, 5°C em 10 mil anos - contados desde o fim da última glaciação até 10 mil anos atrás – pode aumentar os mesmos 5°C em apenas 200 anos, a continuar o ritmo de aquecimento global que se observa nas últimas décadas. Esta rápida transformação levou o Prof. Paul Crutzen, Prêmio Nobel de Química, em 1995, a definir os últimos 200 anos a partir da Revolução Industrial como o “antropoceno”, isto é, uma era geológica dominada pelas transformações ambientais globais causadas pelas atividades humanas.

Os efeitos são muitos, como destacados acima, e infelizmente é preocupante, pois a vida terrestre ficará mais complicada devido a todos estes impactos globais. Em relação as consequências que estão em evidencia a cada dia, notamos que ao decorrer do avanço tecnológico, surgiram e surgem diversas ferramentas com maior poder de destruição, como máquinas, tratores, escavadeiras utilizadas em garimpos ilegais na Amazônia e aviões utilizados para espalhar agrotóxicos nas plantações, prejudicando principalmente as abelhas. Todos esses maquinários são utilizados para extrair ou destruir os recursos que a natureza dispõe. Desse modo, os efeitos que o mundo já teve e vem tendo por causa da humanidade e suas ações destrutivas, restou aos cientistas investigarem se realmente estamos na nova era geológica, o antropoceno.

Por conta disso, recentemente, a União Internacional de Ciências Geológicas (IUGS) determinou que a Comissão Internacional de Estratigrafia (ICS) criasse um grupo de trabalho (o WGA- *Working Group on the Anthropocene*) para discutir os efeitos referidos por Crutzen e, aplicando os mesmos critérios usados para estabelecer novas eras, avaliar se, de fato, justifica-se a necessidade de estabelecer o novo termo para denominar uma suposta nova idade geológica (Zalasiewicz, 2008, p. 4 apud Torres, 2027, p. 94).

A partir deste grupo de cientistas, discutindo e investigando se realmente é necessário usar o termo antropoceno para nomear a nova época geológica marcada pela humanidade, podemos perceber que há bastantes evidências que possam nomear a nova era, quer dizer, a humanidade impacta o planeta com construções, poluições, desmatamento de florestas, queimadas, alterações climáticas que estão afetando bastante os seres e a natureza em questão. Mas, apesar de todos estes vestígios espalhados pelo mundo, atualmente em março de 2024, não falta negacionismo³.¹ Enquanto apontamos essas questões que estão prejudicando bastante a vida na terra, podemos observar que em relação à todos esses impactos, ressaltamos as mudanças climáticas, visto que os impactos que o clima causará na humanidade será bastante severo, em relação as chuvas que poderá ser com maior intensidade em algumas regiões, causando alagamentos, deslizamentos de terra. Por outro ângulo pode haver secas, o que implicara seriamente nas plantações e conseqüentemente na alimentação, ondas de calor, falta de água e inflação, e inclusive aumenta a chance de incêndios florestais, tempestades, e dentre outras questões que são bastante prejudiciais a vida terrestre.

2.2. Da Distopia e suas relações com o Antropoceno

Tendo em vista alguns conceitos acima sobre antropoceno, podemos adentrar nas suas relações diretas com a distopia. O conceito de distopia parece ser fundamental para entender “*A extinção das abelhas*” (2021). Podemos destacar também questões relevantes em relação a nossa concepção e crítica sobre questões que envolvam as expectativas de como se viver em um futuro distópico. A distopia é uma forma de pensar como seria o nosso mundo, nossa vivência em sociedade se todas as maneiras de organização de uma sociedade fossem totalitárias, opressivas, onde o caos predominaria em nosso dia a dia, onde haveria poucos subsídios para sobrevivência humana, quer dizer, é como usar o nosso presente e deteriorar dez vezes mais.

A distopia representa um olhar crítico em relação aos nossos modos de vida contemporâneo, pois levando em consideração um aumento de todos os problemas socioambientais, de certa forma, a distopia se tornaria uma realidade, melhor dizendo, se o aumento da poluição continuar cada vez mais, a saúde da população irá se agravar muito,

¹ <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2024/03/em-votacao-cientistas-negam-que-estejamos-no-antropoceno-a-epoca-geologica-dos-humanos.shtml>

assim como, a situação do planeta. Outro exemplo é o desmatamento, no caso de progredir ainda mais, as mudanças climáticas serão ainda mais frequentes e irá gerar vários problemas como perda de plantação, fortes ondas de calor, falta de água ou enchentes.

Para Lima (2021), a distopia só pode ser entendida em diálogo com a noção de utopia, pois a utopia observa o presente e deseja melhorias, bem como, um querer de uma melhor organização social, melhor convivência em coletividade, onde não teria violência, injustiças, corrupção, desemprego. Em suma, uma sociedade perfeita. Então, a utopia nada mais é do que uma ilusão, imaginação, algo irrealizável, porém é uma forma de buscarmos abrigo por meio da imaginação quando tudo está desmoronando a nossa volta, onde podemos imaginar um lugar ideal que não exista problemas. Já a distopia se atenta também ao presente e constrói críticas sociais, tecnológicas, contemporâneas, em que se destacam as ações humanas que prejudicam tanto o planeta quanto a nós, seres humanos. Em outras palavras, projeta de forma catastrófica e futura a nossa sociedade atual, na forma de imaginar a sociedade em que vivemos da pior forma possível, em que predomina a violência, opressão, injustiça, caos, totalitarismo, fascismo, com o intuito de criticar as ações de nosso presente.

De forma mais objetiva, a utopia tem como objetivo melhorar nosso presente, com o desejo de tornar o mundo em um lugar prazeroso de se viver, de transformar nossa forma de se organizar enquanto sociedade em vista para um futuro melhor. Enquanto a distopia é basicamente um alerta, ela aponta alguns problemas que temos no presente e intensifica-os para que possamos perceber que se não fizermos nada para amenizar um pouco, nosso futuro será semelhante as distopias que assistimos em filmes, séries, e também nas leituras de livros. Utopia e distopia são termos opostos, ou seja, possuem conceitos distintos. No texto de Lima (2021), podemos observar três termos que possuem relação entre si, os quais são: utopia, distopia e antiutopia. Utopia, como foi visto é um desejo irrealizável, distopia é uma forma de criticar nosso presente e avistar o futuro da pior maneira possível, e antiutopia é o termo que se posiciona contra utopia, ou seja, se na utopia sonhamos com uma sociedade perfeita, um desejo de mudança para o bem de todos, a antiutopia foca no presente, não aceita mudanças, nem para os benefícios ou malefícios, é contra qualquer desejo da utopia. Vejamos que para Lima (2021, p. 30):

Com base nisso, seria possível distinguir duas posturas que podem ser consideradas como antiutópicas: a primeira delas está relacionada a uma visão conservadora e pragmática do mundo, segundo a qual as coisas são imutáveis, o que significa dizer que a sociedade simplesmente não é capaz de produzir transformações – que é aquilo que aspiram, em maior ou menor grau, as utopias (Lima, 2021, p. 30).

A antiutopia é voltada ao presentismo, isto é, nos acontecimentos do presente, preservando pensamentos conservadores, não havendo interesse algum pelo passado ou futuro, somente pelo que está acontecendo no presente. Por isso, é contra a qualquer desejo de mudança, sonho ou fantasia que a utopia almeja. Conforme Lima (2021), ir contra a utopia, não significa dizer que antiutopia é sinônimo de distopia, o antiutopismo significa antagonista, a qual sempre vai ficar contra os desejos de melhorias, e até mesmo contra a distopia, pois a antiutopia é focada no presente, e não pretende aceitar mudanças de forma alguma.

Dessa forma, continua Fitting, “a crítica à sociedade contemporânea expressa na distopia implica (ou declara) a necessidade de mudança; a antiutopia é, por outro lado, explícita ou implicitamente uma defesa do *status quo*” (2010, p. 141). Se a distopia é um desdobramento da utopia literária, e esta, por sua vez, constitui uma das três faces do utopismo, logo o antiutopismo automaticamente também seria *antidistópico*. Dessa forma, antiutopia e distopia não podem ser sinônimos. No que se refere especificamente ao texto literário, a distopia enquanto um mau lugar, oferece um contraste à utopia, o bom lugar, conforme será discutido adiante (Lima, 2021, p. 31-32).

Se a utopia é desejo de mudança para melhorias, a distopia é aviso para mudar as ações humanas que estão ocorrendo no presente, enquanto há tempo ou então sofreremos as consequências. A antiutopia mantém sua oposição tanto para a utopia, quanto para a distopia.

Segundo Lima (2021 *apud* Claeys, 2017, p. 5), “as três principais formas da distopia são a política, a ambiental e a tecnológica.” Essas formas de distopia, possuem conexões com o antropoceno, visto que os feitos realizados pela sociedade na política, no ambiente e na tecnologia, são postos em evidência no romance, em relação a distopia com o intuito de repensar as atitudes que estão sendo realizadas. No antropoceno, são usadas como argumentos para a nomeação de uma nova era geológica. Ao mesmo tempo que os impactos causados pelas ações humanas são prejudiciais ao planeta e a humanidade, através da distopia podemos exprimir reflexões do que realmente as atividades humanas podem transformar o planeta e nos direcionar a viver em um cenário somente visto por meio da ficção.

Pensando especificamente na ficção distópica, o que seria exatamente um mundo pior do que o nosso, nós, que vivemos neste início de século XXI? Incessantes conflitos transformaram o estado de guerra em cotidiano para as pessoas em zonas de tensão; a lógica neoliberal tem consumido a vida dos sujeitos menos favorecidos, que trabalham cada vez mais em troca de cada vez menos dinheiro e direitos; um conservadorismo extremo tem semeado as suas sementes de ódio ao redor do globo, propagando com avidez discursos racistas, LGBTQIA+ fóbicos e de intolerância religiosa; e uma previsão do Fórum Econômico Mundial estima que uma equidade de gênero, no ritmo em que vamos, só poderá ser alcançada daqui a 257 anos – e essa lista, que se soma ao que já foi mencionado na introdução desta tese, poderia seguir infinitamente (Lima, 2021, p. 45).

Analisar criticamente nos permite dispor de um raio-x da sociedade em que vivemos, suas falhas, e bandeiras em relação as possibilidades de perigos, sobretudo daqueles com ênfase do ponto de vista antropológico e sociológico, se considerarmos ainda que o momento atual que vivemos é semelhante ao de outrora no passado, no qual deu origem ao gênero distópico, pois vemos resquícios do qual originou. Considerando que realismo é enxergar nossa realidade como realmente é, nossos problemas socioambientais, a distopia por outro lado produz uma ficção em torno das complicações atuais, com intuito de alertar a população, caso continuem com as mesmas condutas em relação as atividades prejudiciais do cotidiano, poderão então presenciar o caos futuramente. Apesar de que já experienciamos o caos de certa forma em alguns aspectos, como o covid-19, desastres naturais, crises climáticas e entre outras.

Da mesma forma em que vivenciamos o caos sob alguns aspectos, a distopia se refere ao caos global e não em casos separados. A distopia representa o mundo colapsado, onde a natureza, órgãos governamentais, mercado, economia, remédios, subsistência alimentar, recursos básicos para sobrevivência irão cessar de vez e a população também poderá chegar ao fim, com a falta de recursos para sobrevivência humana. Realismo na “*Extinção das Abelhas*” (2021), significa gerenciar as crises do presente, tanto as crises socioambientais, como as crises individuais, ou seja, tudo que está acontecendo no mundo atual, como violências, poluições, desigualdades sociais, mudanças climáticas, moradia, fome, enchentes. Além dos problemas externos, temos ainda os internos, isto é, individuais, os quais podem ser mais difíceis de constatar em sua profundidade. A distopia presente no romance representa o caos total, a partir de acontecimentos que foram se agravando até chegar à ruína da humanidade, seja ela no plano público ou privado.

3. ANÁLISE EM “A EXTINÇÃO DAS ABELHAS”, SOB PERSPECTIVAS REALISTAS E DISTÓPICAS

Previamente, dispomos uma breve biografia da autora deste romance. Natalia Borges Polesso⁴ é escritora, pesquisadora, tradutora brasileira e doutora em teoria da literatura, é natural do Rio Grande do Sul, e possui algumas premiações como: Prêmio Jabuti de Contos e Crônicas, Prêmio Jabuti de Romance de Entretenimento. O romance “*A Extinção das Abelhas*” (2021) de Natalia Borges Polesso, pode ser definido como um alerta de emergência socioambiental. Com o intuito de refletirmos sobre a vida contemporânea da sociedade brasileira, evidenciando os problemas tanto sociais, como também os ambientais, que afetam o planeta e seus habitantes. Visto que, a narrativa da Polesso retrata em seu romance impactos, ações e políticas humanas que contribuem cada vez mais para a ruína socioambiental, chegando ao ponto de atingir o colapso. Diante do cenário, de toda situação problemática, podemos acompanhar a história da personagem principal, que experiência como é viver em um mundo antes, durante e depois de um colapso. Regina é a protagonista do romance, lésbica, têm quarenta anos, é hipertensa e diabética, e é mestra em teoria da literatura. Mas, apesar de possuir uma formação, não trabalha em sua área, sobrevive apenas ajudando uma amiga no bar. E logo depois, que a situação econômica se complica, ela inicia um trabalho na internet como *cam girl*, (garota de webcam).

Regina é considerada uma pessoa triste, que desde cedo conhece a solidão, não dispõe de amor, carinho ou afeto familiar, e enfrenta as dificuldades sozinha. Quando criança, sua mãe a abandonou, mais tarde, uma querida gata de estimação morreu, e no início de sua vida adulta, seu pai morreu. Consequentemente, ela tenta suportar todos esses sentimentos, sozinha. A princípio, a primeira parte do romance trata sobre questões de cunho individual e social, uma delas, é a vida privada de Regina, a qual transparece a solidão em sua vida. Como podemos observar, na primeira página temos um trecho que retrata bem sobre essa questão.

As pessoas vão embora, e isso é uma realidade. Sua mãe vai embora, seu pai vai embora, sua namorada chata vai embora, sua melhor amiga-irmã vai embora, as pessoas que cuidaram de você desde pequena e que você reluta em chamar de família de um jeito ou de outro vão embora, seus vizinhos vão embora (Polesso, 2021, p. 11).

⁴ <http://lattes.cnpq.br/2332633259643911>

Notamos que são várias perdas importantes e traumáticas na vida da personagem que a leva a ser uma pessoa que não conhece o que é ter afeto, amor familiar, e como é estar segura, como é ter alguém que a proteja. Por isso, ela sente a todo momento solidão. Consideramos este momento como realista, visto que, retrata de nossa realidade, é fato que em algum momento da vida, todos vão embora, seja por questões de trabalho, mudança de cidade, separação, estudos, questões de saúde, ou até mesmo morte. Todos vamos embora algum dia, mas nunca estamos preparados para perder alguém, não sabemos como nos preparar, não nos damos bem com a perda. E Regina, apesar de conviver com a ausência de sua família, tenta entender as mudanças absurdas que estão acontecendo no mundo em que vive, mesmo tendo as vizinhas como família de consideração, ela se sente sozinha, sem amparo, e logo se torna uma pessoa triste. “Ninguém se importava com a minha tristeza nem com a tristeza de ninguém.” (Polessso, 2021, p. 62).

Esta narrativa se desenvolve em torno de várias temáticas importantíssimas que englobam as questões humanas como as de cunho familiar, a solidão, a insegurança, sanções, aumento do custo de vida (remédios, comidas, gasolina), a violência, excesso de agrotóxicos nos alimentos, e dentre outros assuntos necessários para discutir e repensar o estilo de vida contemporâneo. Com intuito de apresentar o romance como um todo, neste momento dispomos um pouco de cada parte que compõem o romance. A primeira parte, destaca-se por prender a atenção do leitor. Os capítulos começam com a última palavra do capítulo anterior, e isso deixa a leitura mais leve e interessante, criando um ritmo, uma conexão entre os capítulos, como um fluxo, onde o leitor sempre ficará curioso para descobrir qual a palavra seguinte, mas isto só acontece nesta parte. A autora trata de expor a história da personagem principal Regina, de sua família, histórias do passado de sua mãe, como era o convívio com seu pai, amigos, animal de estimação e o mundo em que vive, e de como a personagem se envolve na primeira parte diante de todas estas questões. Se o romance é uma distopia, um encontro com o futuro, Polessso inicia via um momento nostálgico, um encontro mnemônico com o seu passado.

Na segunda parte, destaca-se alguns fragmentos de notícias reais, de descobertas científicas, de previsões para o futuro, de animais extintos, de como a sociedade irá viver sem abelhas, de notícias de anos anteriores das milhões de abelhas mortas, da pandemia, do descaso do governo, de fatos já acontecidos no passado e também dos que estão por vir no futuro. Estes temas são desenvolvidos ao longo da história do romance, vinculados aos conflitos da vida da personagem Regina, a qual vivencia todo o descaso socioambiental, e sente na pele as decisões do desgoverno e as consequências que a sociedade tem que

enfrentar.

E por fim, na terceira parte, relata como está sendo viver no caos, através da Regina, de suas experiências. Após o Estado e cidades sofrerem com sanções, as pessoas foram obrigadas a deixarem suas casas, por falta de abastecimento das necessidades essenciais (energia, água, comida) nas cidades e regiões. O mundo entra em colapso total e a personagem principal foge para a fronteira com outras mulheres, em busca de um lugar para recomeçar, para sobreviver. Portanto, podemos perceber que as três partes do romance formam uma tríade distópica da sociedade brasileira: um primeiro momento de sentimento de perda, um segundo momento de explicação das causas desta perda e um terceiro momento de luta por sobrevivência em um mundo distópico.

3.1 Antropoceno representando aspectos reais a partir da análise crítica

Os acontecimentos do romance que muitas vezes aparecem como fatos históricos, a partir de uma reflexão sobre a condição social e ambiental, confunde-se com aspectos de um mundo deteriorado e danificado. A narrativa se desenvolve em meio ao cenário que aos poucos, está bem próximo ao colapso. Em meio a todos sentimentos da personagem, apesar das questões individuais, a vida em sociedade aos poucos se transforma em caos, e os motivos são as ações humanas que danificam a natureza e seus recursos. Os impactos na Terra, na atmosfera, no ecossistema, são tantos que surgiu um novo termo para nomear todo impacto causado no planeta pelo ser humano. O antropoceno é o novo termo geológico criado para nominar a era do humano. No romance, observamos que há casos que podemos correlacionar com o antropoceno. Como, a extinção das abelhas, pois já era notável a diminuição de abelhas na natureza, tanto que havia um alerta para sociedade que não poderia matar abelhas, como podemos observar a seguir:

Não pode mais matar abelha. Avisaram que isso aconteceria, a gente ficou com medo, por causa da polinização, da vegetação, de toda cadeia alimentar, mas o governo, a Agrotech, toda aquela cambada disse que estava tudo “sob controle”, que havia “outros meios” e que a função da tecnologia era “superar a natureza” e que já estava em fase de implementação uma nova técnica de polinização (Polessa, 2021, p. 17).

Polessa nos mostra a esfera socioambiental em que a personagem principal vive. Notamos que, no decorrer do romance, este ambiente vai se transformando progressivamente, se deteriorando, até podermos identificar a presença de uma condição

distópica e ao mesmo tempo realista. Como no caso em que a tecnologia pode superar a natureza de maneira prática e rápida - a exemplo da substituição da natureza, seja na situação das abelhas - o que poderá acarretar inúmeros problemas para a humanidade, pondo em risco principalmente a segurança alimentar, em que todos indivíduos têm o direito de ter acesso a uma certa quantidade e qualidade de alimentos para sobreviver. Ressaltamos ainda que, aponta para a relação, espúrias, essencialmente neoliberal, entre governo e grandes corporações, agindo contra o interesse da população.

É este o ponto nevrálgico que dá origem ao título do romance: “*A Extinção das Abelhas*” (2021), em nome de um modelo de alta produtividade de mercadorias agrárias, onde aceita-se a extinção de espécies e suas consequências drásticas ao mundo. Apesar de estar visível a grande perda de abelhas por causa de intoxicação de agrotóxicos, o uso abusivo não para. Mas, por que as abelhas são tão importantes? Ora, as abelhas são principais polinizadores de inúmeras plantas que produzem nosso alimento. As abelhas são partes essenciais para nossa segurança alimentar. Como podemos observar:

As abelhas desempenham várias funções na natureza, essas funções estão relacionadas a diversos fatores de extrema importância para o funcionamento do nosso planeta. Através desses insetos podem-se obter vários produtos e serviços como a polinização e consequentemente o aumento na produção de frutos e os derivados da apicultura como o mel, própolis, cera, geleia real e apitoxina (Costa-Maia et al., 2010 *apud* Caires, Sc; Barcelos, D. 2017).

Visto a significância das abelhas no ecossistema, destacamos ainda que a maior causa das mortes destes insetos são ocasionadas pelo uso descontrolado de agrotóxicos e a maneira ineficiente ao utilizá-los. Eis o antropoceno presente. As abelhas ficam em evidencia durante o romance, onde milhares das mortes causadas por agrotóxicos que foram proibidos em outros países, mas que no Brasil ainda insistem em utilizar, mesmo prejudicando as abelhas, o meio ambiente e até mesmo os seres humanos. “Em três meses, de dezembro de 2018 a fevereiro de 2019, pouco mais de quinhentos milhões de abelhas foram encontradas mortas por apicultores apenas em quatro estados brasileiros, de acordo com um levantamento da Agencia Pública/ Repórter Brasil.” (Polesso, 2021, p. 216). Neste trecho, o realismo torna-se visível aos leitores, visto que, a autora utiliza alguns trechos de notícias (com poucas modificações) retirados de nossa realidade, a respeito das milhares mortes de abelhas no Brasil, por causa do uso excessivo de agrotóxicos². As mortes das abelhas nos prejudicam bastante. Muitas pessoas não sabem a importância que as abelhas possuem para nossa alimentação, sendo a polinização essencial para as plantas, para a

frutificação da vegetação, reprodução, que é de grande importância para produção de alimentos.

Não somente as abelhas padecem com o uso abusivo de agrotóxicos, como também nos humanos, em relação a nossa alimentação, frutas e legumes cheios de veneno, e além de tudo, a carne caríssima. Como podemos verificar na fala da personagem Regina. “Tá tudo envenenado. Tá tudo desmatado pra criar gado, mas a carne é cara igual. Tem um monte de gente morando na rua. As coisas foram ficando muito ruins, muito rápido.” (Polesso, 2021, p. 180). Várias frutas e vegetais ³que consumimos, infelizmente possuem uma quantidade considerável de agrotóxicos, não somente no romance, mas também em nossa realidade. Apesar do uso de agrotóxicos, temos outro impacto do homem no meio ambiente.

O desmatamento, para criar gado como foi citado, não gera apenas um problema, mas vários problemas, envolvendo principalmente o clima, quer dizer que, contribui para as mudanças climáticas bruscas, afetam o solo, assim como, a população que reside ao redor de terrenos que acontecem os desmatamentos, o ecossistema e dentre outros.

Esses são apenas alguns exemplos da ação humana na Terra, que estão inseridos na narrativa, demonstrando e comprovando que o antropoceno existe. Um caso interessante, que Polesso elabora em seu romance, em sua segunda parte, ela expõe uma notícia da nossa realidade, sobre a constelação de Orion, que possivelmente uma estrela poderá explodir. “Disseram que a estrela mais antiga da constelação de Orion explodiria. Isso faria com que tivéssemos por alguns anos um segundo sol, menor e menos potente que brilharia dia e noite. Betelgeuse⁴ é seu nome.” (Polesso, 2021, p. 209). Percebemos que na terceira parte esta previsão se realiza, sendo uma conexão entre a 2º parte e 3º parte. A estrela Betelgeuse explode e nossa personagem Regina exprime como se sente depois do caos, da explosão. Vejamos:

O mundo. Teve o apocalipse. Se tu olhar ao redor. Olha isso. Onde estão as coisas que conhecemos? Aquela bola de fogo tá vindo pra terminar de nos destruir. Ela fica ali o tempo todo e não deixa a noite chegar. Mas vai chegar, eu preciso que a noite chegue, pra eu poder dormir e acordar no amanhã. Tá cada vez maior, pra nos queimar. Eu não sei mais dormir (Polesso, 2012, p. 255).

² <https://reporterbrasil.org.br/2019/03/apicultores-brasileiros-encontram-meio-bilhao-de-abelhas-mortas-em-tres-meses/>

³ <https://reporterbrasil.org.br/2019/12/agrotoxico-mais-encontrado-em-frutas-e-verduras-no-brasil-e-fatal-para-abelhas/>

A maneira que Polesso utiliza uma notícia de nossa realidade, uma previsão que pode ou não se tornar realidade, em seu romance de ficção, o que era apenas um possível acontecimento no futuro, ela a torna existente, demonstrando o quanto a ficção está prestes a se tornar algo efetivo. Não somente este exemplo da constelação Orion, mas como a extinção das abelhas, de outros animais, o desgoverno, políticas que contribuem para o colapso mundial, e dentre outros. É sob esta perspectiva que o romance busca que o leitor possa refletir sobre os principais problemas socioambientais da nossa contemporaneidade, que saibamos a proporção da evolução destas questões que podem se agravar tanto, ao ponto do que o que lemos como distopia, neste momento pode ser nossa realidade. Outro caso, que ocorreu por forças das ações humanas na natureza e que está mencionado no romance, foram algumas consequências causadas pelas queimadas e mudanças climáticas. Como podemos observar:

O céu escureceu ainda mais no início da tarde, assustando os moradores. De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), o tempo fechado é efeito de uma frente fria na região leste e de grandes queimadas trazidas pelo vento na divisa dos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, na altura da fronteira com Bolívia e Paraguai. E desce. O efeito é causado ainda pela mistura do vento que sopra do interior com o vento úmido dos oceanos das regiões Sudeste e Sul. Segundo o Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet), nesta época do ano não é muito comum o dia parecer noite. Isso ocorre quando há bastante nebulosidade, a ponto de deixar o dia coberto. A situação se repetiu em várias cidades, às quatro horas da tarde o céu já estava escuro. Uma chuva fina caía. Seguimos tossindo (Polesso, 2021, p. 202).

Como está em evidencia a ação do homem no meio ambiente, causando as queimadas, desmatamentos, que de certa forma, ocasionam nas mudanças climáticas, problemas de respiração, efeito estufa e dentre outros. As consequências é mais um aviso da natureza para o ser humano. Uma vez que, somos a causa de tudo que está acontecendo com a natureza, e consequentemente temos que lidar com os resultados de nossas ações. Uma ação gera uma reação. E a reação da natureza pode ser bastante danosa e assustadora para o ser humano. Como visto acima, quando o céu escureceu. Esta foi apenas uma simples reação, dentre tantas outras que já ocorreram, e das que estão por vir. As cidades estão se tornando cada vez mais emblemas desse processo, antes símbolos do avanço da civilização, e agora se tornam marcos da decadência ambiental e social, ficando evidente a poluição e um declínio de uma sociedade rumo a distopia, violência e barbárie. Como aponta Polesso:

⁴ <https://www.gov.br/observatorio/pt-br/assuntos/noticias/a-intrigante-estrela-betelgeuse-vai-explodir-em-breve-astrofisico-do-on-comenta>

Os caminhões de lixo começaram a chegar todos juntos, despejando os dejetos do resto da população, as sobras industriais, as embalagens contaminadas pelo veneno ainda usado nas plantações não muito longe dali, cada vez mais para dentro do que era cidade. Soluções incríveis consistiam no empilhamento dos resíduos e às vezes em sua queima. Li uma vez sobre uma cidade chinesa que havia acabado. Tinha virado um lixão de refugo tecnológico. A princípio, as pessoas ficaram. Tu ficaria? E tentaram sobreviver do trabalho cooperativo de reciclagem, mas os componentes que não serviam à reciclagem e os que davam muito trabalho para separar começaram a atingir grandes quantidades, formando pilhas, montes, montanhas tóxicas. O lixo do consumo não parava de chegar. A cidade estava atulhada, não havia mais vida, tudo era feio. Tentaram renovar as vias com grandes esculturas pintadas. Alegria. Elas foram destruídas pelos cidadãos. Tristeza. A culpa é deles, disseram em coro. E se mataram numa briga de gangues rivalizadas e divididas por tipos de componentes (Polessio, 2021, p. 214).

Nossa sociedade: consumista. O consumismo interliga-se diretamente com a produção de lixo e conseqüentemente a poluição, visto que, quanto mais as pessoas compram, em maior quantidade descartam seus resíduos, desse modo, surgem mais e mais pilhas de lixo. Domiciliar, industrial, comercial, hospitalar, radioativo, eletrônicos, tecnológicos e dentre vários outros tipos. Mesmo que, as pilhas de lixos fiquem paradas em locais afastados das cidades, em céu aberto, ainda assim, podemos sentir o impacto causado pela poluição do ar, de animais que carregam doenças e transmite para o ser humano, e também gera conseqüências para o meio ambiente. Os efeitos podem se intensificar cada vez mais com as queimadas das pilhas de lixo, acarretando na poluição do ar, doenças respiratórias, e até mesmo polui a água, plantações e nossos alimentos de consumo. Dentre o uso descontrolado de agrotóxicos, queimadas, mudanças climáticas, consumismo, poluição, temos ainda alguns desastres socioambientais. O rompimento da barragem de Mariana (MG), que ocorreu em novembro de 2015, é um exemplo disso. Polessio destaca um pouco do antes e depois do desastre:

Antes do desastre do Fundão, elas pescavam, caçavam e viviam abastecidas pela água do rio; depois, com a poluição gerada pela lama dos rejeitos, os indígenas ficaram dependentes dos recursos estatais e da alimentação comprada em grandes supermercados. As terras foram comprometidas, os krenaks não podiam mais plantar. Os animais desapareceram da região. O rio está morto. Levará décadas para se recuperar. O aniquilamento dos ecossistemas de água potável, vida marinha e mata ciliar eliminou a vida ribeirinha (Polessio, 2021, p. 219).

O impacto do homem na natureza, além de prejudicar o ecossistema, é danoso a ele mesmo. Como esta explícito, os mais atingidos com este desastre foram os indígenas, que viviam na natureza e usavam de seus recursos para sobreviver, como a água do rio, a pesca, frutas, plantações e etc. Os motivos os quais foram a causa do rompimento são diversos,

como não ter uma manutenção frequente na barragem, não ser supervisionada, estrutura desgastada, e dentre outras questões que podem ter ocasionado o rompimento. Mas sem sombra de dúvidas, a causa foi a falha humana. E as consequências podem demorar, mas um dia chegam. Como também, a barragem de Brumadinho, que foi mencionada. Enquanto não existir soluções e execução das mesmas, para prevenir esses desastres, a sociedade sofrera cada vez mais com as consequências.

Estes foram apenas alguns casos em que a ação do homem pode fazer na natureza e na sociedade. Deserto que o antropoceno fica cada vez mais em evidencia, com todos os indícios que o levam para a nomeação de uma nova época geológica. A época do homem. E que a obra de Polesso expressa e debate de forma muito assertiva.

3.2 Distopia como reflexão dos modos de vidas contemporâneas

A distopia composta no romance é observada como sobreaviso para o futuro de nossa sociedade, um horizonte próximo. Um alerta para diminuirmos, em nosso presente, a poluição, consumismo, uso excessivo de agrotóxicos, desmatamento, queimadas e dentre outros problemas socioambientais. Caso contrário, é possível que a ficção distópica se torne nossa realidade. Uma distopia que é prejudicial tanto ao meio ambiente, quanto ao ser humano, na hipótese de se tornar realidade, é a extinção das abelhas. Como podemos observar que “*A extinção das abelhas*” (2021), demonstra como seria se não existisse mais abelhas, como a sociedade lida com esta perda. “Depois da morte das abelhas, colmeias artificiais foram criadas. Elas têm o formato clássico por motivos comerciais e afetivos. “O mel produzido com a glicose do açúcar de cana é colorido artificialmente.” (Polesso, 2021, p. 194). No romance, como sempre, nós sempre tentamos consertar as coisas que destruimos, e depois de acabar com as abelhas, tiveram que recriar as colmeias. Agora são os humanos que produzem colmeias modernas artificiais e de fácil acesso para retirada do mel, mas como nada é perfeito, as mortes das abelhas tiveram consequências sérias para os humanos.

Dizem que um zumbido constante atravessa os campos-fábricas e que os funcionários colhem o mel com roupa apropriada, telas, no rosto, respiradores e luvas, isso para não contaminarem o néctar com o choro da ausência e do arrependimento. E para não se contaminarem com o veneno do ar. Depois da morte das abelhas, os homens ficaram mais sensíveis e começaram a tomar probióticos para aliviar os sintomas de febre gastrointestinal, mas morrem do mesmo jeito. Depois da morte das abelhas, repensaram os limites do consumo, mas já não havia muito (Polesso, 2021, p. 194-195).

Podemos interligar, as consequências citadas acima com o antropoceno, visto que são inúmeros os impactos que os seres humanos causaram ao ponto de lidar com os efeitos de um impacto considerável para natureza, e que ocasionou em várias consequências para a vida do ser humano. Há arrependimento em relação a tudo que fizeram que ocasionou as mortes das abelhas, mas este arrependimento é tarde demais. É um ponto bastante evidente que observamos no romance, é que se antes usavam agrotóxicos em excesso, agora triplicou o uso de veneno, ao ponto de terem que usar roupas especiais e respiradores na produção do mel. Talvez, agora percebam o quanto prejudicial é este veneno, tanto que causa febre gastrointestinal e em alguns casos, a morte. A narrativa em que a personagem Regina está inserida, vem se agravando cada vez mais, ao decorrer do romance, a convivência entre as pessoas vai se deteriorando e o cenário está se tornando degradante, ao ponto de terem inventado um colapsômetro para medir os índices dos problemas ambientais e sociais. A partir do momento em que o governo cria um colapsômetro, está oficializando a normalização da catástrofe, isto é, iniciando o tempo da distopia.

Tiveram que arrancar o pano de cima do que parecia ser um enorme termômetro, que marcava a “temperatura” de vários índices em vários lugares do mundo. Os limites tinham que ser respeitados por todos. Ou o país, ou determinadas regiões do país, sofreriam sanções e algumas zonas seriam fechadas (Polessso, 2021, p. 25-26).

Este colapsômetro mede os índices de mortes, violências, preços, mede o caos em que o mundo está se transformando. As medidas são separadas por cada região, estado. As pessoas são obrigadas a respeitarem os limites, caso contrário terão que lidar com as consequências, como as sanções que serão aplicadas e as regiões serão fechadas por falta de fornecimento por parte do estado, em recursos básicos para sobrevivência. As notícias não eram nada animadoras, pois “As previsões tinham desanimado as populações. E isso era muito ruim. A sensação de desânimo.” (Polessso, 2021, p. 26). O pensamento distópico toma conta da população, em que sempre espera por um futuro pior, onde não há direitos, segurança, empregos, alimentos, e até mesmo água. É uma desesperança que todos sentem, a cada dia que passa as coisas tendem a piorar. Como no caso do presidente que nada fazia para melhorar a condição da sociedade, ao contrário, estava contribuindo cada vez mais para o caos com suas políticas. Vejamos, “O fato é que era melhor ter aquele apresentador de televisão como presidente do que o presidente anterior.” Polessso, 2021, p. 41). Esse é o novo normal, o mundo, as políticas, a sociedade, estão se modificando cada vez mais, e a população se adapta ou tenta se adaptar com tudo que está ocorrendo. Vejamos então,

alguns decretos que o presidente determina diante de tudo que está acontecendo:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso de suas atribuições constitucionais e legais;

CONSIDERANDO, finalmente, a necessidade de manter a responsabilidade na gestão fiscal, que se dá, dentre outras ações, com o equilíbrio entre a receita e a despesa públicas;

DECRETA:

Art. 1º - O encerramento total e imediato da zona mapeada e determinada 34-S-NO- RS;

Art. 2º- Os órgãos e entidades da Administração, bem como o abastecimento de serviços básicos de água, luz, saneamento, alimentação e internet deverão ser descontinuados permanentemente... (Polessio, 2021, p. 207-208).

Enquanto a população tenta sobreviver com inflação, insegurança, violência, falta de remédios, comidas, espalhados pelo mundo, ainda lidam com o desgoverno do presidente. Este certamente é o ápice do romance, visto que, no momento atual a sociedade está lidando com o início da distopia, a partir do colapsômetro, e para comprometer ainda mais a situação atual da sociedade o presidente manifesta estes decretos, agravando cada vez mais a condição humana. Impondo acabar com as áreas que ultrapassaram os limites, suspendendo os serviços básicos de determinada região. Neste caso, está explícito que as ações governamentais estão contribuindo com o agravamento da situação social, o descaso coletivo se espalhava por todo o globo. É o início do caos. Diante da péssima administração, a sociedade estava destinada ao colapso socioambiental. O colapsômetro é como se fosse uma bomba que a qualquer momento vai estourar. A população, a todo momento vive com incertezas, em relação a tudo que está se passando. Os índices chegando ao limite. Desânimo. As pessoas podiam acompanhar as medidas dos índices através de aplicativos, e observar se estão ou não ultrapassando os limites impostos para todos, em cidades e regiões. Entre os vários índices que contabiliza, entre eles está a medição do índice das mortes das abelhas. Como podemos observar na fala da Regina:

Eu tinha combinado de ir ao cinema com a Paula, uma coisa banal, um pequeno alento. Mas a primeira coisa que ela disse quando me viu foi que, se as abelhas entrassem mesmo em extinção, o mundo ia acabar. As abelhas eram um dos principais índices que o colapsômetro contabilizava. Não contabilizaram temperaturas nem o derretimento das geleiras, apesar de terem apresentado um “termômetro”. Eu disse a ela que o mundo não acabaria. Não era uma afirmação otimista. Ela disse que eu tinha razão. O mundo, a terra, o universo, tudo isso levaria uma eternidade para se extinguir. E talvez a causa de sua extinção fosse um buraco negro, um asteroide em rota de colisão, um campo magnético intruso, mas a gente, a raça humana, essa, sim, terminaria. Eu soprei a fumaça e disse: que bom.

Realmente, a humanidade pode chegar ao fim, se continuarmos com todas atividades que afetam a natureza, o planeta. Apesar de acometer o mundo, os maiores prejudicados somos nós, seres humanos que precisamos da natureza, de seus recursos, para viver, e não ao contrário. A natureza é um recurso finito, porém é até certo ponto renovável, desde que seja devidamente protegida e cuidada. Porém, da maneira que se encontra, podemos considerar como um recurso em risco de desvanecer. Ao analisarmos a fala da personagem Regina neste trecho, enfatizamos o pessimismo diante da existência humana, visto que somos a causa de todos problemas socioambientais, e que se formos extintos seria um alívio para o planeta Terra. Portanto, devemos repensar a maneira que lidamos com o meio ambiente e seus recursos, a fim de preservar o futuro das gerações que virão a existir, uma vez que estamos “roubando” de certa forma, suas oportunidades de sobrevivência, e privando-os das maravilhas da natureza a qual vivenciamos em nosso presente. Neste caso, a distopia relaciona com os efeitos do antropoceno uma vez que o gênero distópico trata da relação das ações humanas, numa sociedade imaginária que se tornou arruinada em razão dos feitos humanos.

Mas ninguém estava comprando nada e os economistas dos programas de tevê tentavam encontrar palavras novas para descrever nossa situação econômica, assim como os ecologistas tentavam encontrar palavras novas para descrever nossa situação planetária. A única coisa que compreendíamos era que não estávamos indo bem nos rankings do colapsômetro nem nos rankings econômicos. A região sul tinha que pagar uma multa não sei pra quem, ou seria fechada em caráter permanente e nossos governantes deram uma explicação muito estapafúrdia na cúpula nacional do colapso. Não existia emprego pra todo mundo, a pobreza e a miséria tinham chegado à taxa máxima da série histórica... (Polessio, 2021, p. 96).

No momento em que compreendemos a situação atual do romance, podemos imaginar ou em até alguns casos, sentir como é árduo ter que sobreviver em uma situação como esta. Além de uma péssima economia, ainda por cima lidar com problemas ecológicos, problemas que a população causou, como poluições, desmatamentos, consumismos e dentre outros. A falta de empregos gerou mais fome, mais mortes, mais miséria, este cenário em que estamos observando já se torna uma distopia pelo fato em que as pessoas com suas ações continuamente contribuíram para chegar a este ponto, isto é, a realidade levando a distopia. A situação econômica estava bastante complicada, tanto que Regina, apesar de trabalhar como ajudante no bar de uma amiga, aceita trabalhar como *cam girl*, (garota de webcam) em um site, onde se exhibe despida, virtualmente para estranhos. As pessoas acessam o site com intuito de satisfazer seus desejos, fetiches, através de uma

tela e com indivíduos desconhecidos, mas por incrível que pareça, ela ganhava bem com essa ocupação.

Bem depois, quando o dinheiro começou a cair na conta. Mesmo que o site ficasse com quarenta por cento, porque a mensagem chegava antes de tudo e estava arranjado, e tinham as ofertas e os pedidos especiais e tudo era contabilizado, até o imposto, mesmo assim, caiu quase duzentos reais por trinta minutos de serviço (Polessso, 2021, p. 82).

A partir dessa nova atividade que Regina faz no site, ela cria uma personagem, Divaine, a qual faz performances em frente ao notebook com uma cabeçona de gorila, para pessoas desconhecidas, sozinha, em sua casa. É relevante apontar que esta personagem que a Regina escolhe para trabalhar na web tem conexões com sua mãe Guadalupe. Visto que a Regina possui apenas uma lembrança de sua mãe, uma fotografia, que seu pai entregou antes de morrer. “E me entregou aquela imagem bizarra em que minha mãe, abraçada com dois caras, estava meio vestida de gorila, segurando uma cabeçorra peluda debaixo do braço.” Polessso, 2021, p. 71). O trabalho com a cabeça de gorila semelhante à da mãe na foto pode ser uma tentativa de estabelecer uma conexão perdida com a mãe. Durante as sessões de trabalho na web, Regina se depara com vários indivíduos e personalidades diferentes, dentre eles, o que chamou mais atenção foi o que queria desabafar com ela. O homem entrou em um site que oferece sexo online, mas na realidade, ele só procurava alguém para conversar, evidenciando a que ponto a sociedade chegou.

Deixei o cara falar e me sentei na cama com as pernas cruzadas. Ele disse que desde a separação não tinha conseguido sair com ninguém e que os amigos tinham recomendado o site. Eu pensei que alguns meses não tinha nada de desesperador. Pensei também que mais uma bebida cairia bem e que era muito triste que as pessoas chegassem a ponto de se confessar com estranhos vestidos de animais pela internet. Mas era isso a humanidade agora. Era isso a civilização. Hesitei uns segundos. Não sabia se deveria continuar naquela direção. Ergui a mão espalmada para a câmera (Polessso, 2021, p. 107).

A situação social afeta bastante a vida privada dos indivíduos, tanto que, como observamos acima, o homem não confia em ninguém para conversar. Em meio a todas estas questões individuais e sociais, o caos se torna real no romance. Uma sociedade sem perspectivas para o futuro, com desânimo e desesperança por causa das notícias em relação ao colapsômetro, índices ultrapassando limites, sanções já sendo impostas em algumas áreas, e o caos realmente acontecendo, por cidades e regiões, e a sociedade tentando fugir, tentando sobreviver em meio a tudo isso. O caos realmente aconteceu, não era apenas uma

previsão, uma notícia, era a realidade, era o cenário que Regina tenta sobreviver. Diante do caos, a sociedade foge para tentar sobreviver e recomeçar em outro lugar. Os indivíduos ricos donos das maiores fortunas, vão-se com seus carros e jatos particulares, enquanto a classe baixa, permanece alguns nas zonas abandonadas pelo governo e tentam a própria sorte, outras fogem com ajuda de amigos, famílias. Podemos observar o momento em que iniciou o caos:

Quando tudo virou um caos, ninguém nem sabia como agir. Abandonaram as cidades, os estados, o país. Como gafanhotos que, depois de terem terminado com tudo, voam em nuvem. Jatinhos e helicópteros voavam desordenados no céu, junto de aviões de carga e passageiros. Carros ocupavam as vias. Caminhões tombados, barcos à deriva. Para onde estariam indo? Ninguém sabia. Estavam todos sozinhos. Imensamente sozinhos. Cada um em seu fim (Polesso, 2021, p. 197-198).

Seria o fim da humanidade? Não. Ainda não. As pessoas imaginaram que seria o fim de todos, mas não foi, era apenas um colapso causado pelas ações humanas na natureza e também na sociedade, visto que as políticas, juntamente com a população contribuíram para o caos. Enquanto o colapso estava acontecendo, os índices ultrapassaram os limites do colapsômetro, de fome, violência, inflação, extinção das abelhas e dentre outros. E algumas pessoas enquanto isso, assistiam a todas as tragédias que estavam ocorrendo no mundo lá fora, através da televisão, notebook e celulares, seus vícios diários. Mas ao mesmo tempo que estavam conectados com outras pessoas, eles estavam sozinhos, em seus mundos, diante de uma tela. É interessante ressaltar que Polesso cita a série “*Black Mirrors*”, a qual retrata sobre possibilidades de consequências que a tecnologia pode ocasionar na sociedade. A tecnologia ao invés de ajudar neste momento dificultou, a população não desgrudava de seus aparelhos, só enviavam notícias do que estava acontecendo, mas não faziam nada para ajudar, estavam presos nas redes sociais, ocupados demais para reagir a todo o caos.

O colapso do sistema e como isso era muito ruim, muito ruim. Pra quem? Assistimos às imagens na tela do computador. Nos stories do Instagram, enviamos tudo por mensagem de texto e vídeo, nos nossos aplicativos favoritos, porque a tecnologia iria nos alertar, a tecnologia iria nos salvar, iria nos conectar, mas estávamos lá descoladas, sentadas, deitadas, com nossos pescoços em L, e nossos polegares opositores dançando rapidamente sobre nossos *black mirrors* pessoais, intransferíveis e impossíveis de largar, digitando em caixa-alta palavras de assombro (Polesso, 2021, p. 200-201).

No momento em que a desordem se espalhou por cidades e regiões, tudo mudou, não

apenas as pessoas. A situação urbana transformou-se em algo praticamente em uma desordem total, visto que, as consequências em razão do decreto determinado pelo presidente, já mencionado, suspende os serviços básicos das regiões, impulsionam cada vez mais a sociedade à sua derrocada. Como podemos observar alguns locais das cidades que os indivíduos os transformaram, a partir deste momento em que Regina descreve um pouco do antes e depois do colapso, de como era os estabelecimentos e como ficou. A população com tamanho desalento, transformaram um cinema em uma igreja em busca de ajuda divina, neste momento qualquer ajuda, ou sentimento de fé e esperança, ampararia um pouco as pessoas. Um café virou em farmácia, onde as enfermidades foram maiores e tiveram que optar por uma farmácia ao invés do café. Onde havia um complexo cultural, com museus, teatro, artes, musicas, danças, e dentre outros, que chegou a se tornar uma Cracolândia, uma situação absurda, a qual os usuários de drogas tomaram conta de um local repleto de conhecimento e cultura. Outra situação é a qual as pessoas ocupam um local onde era dos animais, e que agora são habitadas por indivíduos. A condição das cidades e Estados, ficaram tão desgastantes ao ponto de se transformarem completamente, como está descrito a seguir:

É bem ali, onde antes havia um cinema e agora é uma igreja. Do lado do antigo café, que agora é uma farmácia. Fica perto do prédio tombado, que agora é uma ruína. Ali no antigo complexo cultural, onde agora é a Cracolândia. Na pracinha do lixão, sabe? Onde ficava o cachorródromo e agora fica uma gente estranha. É perto do antigo Jardim Botânico, onde fizeram uma pia batismal, que está vazia e sem uso. Próximo à biblioteca desativada, não sabe? Perto dos trilhos onde tinha uns bares. Ali onde havia uma cidade, uma cidade bem pequena, lembra? Mas não vá lá, é muito perigoso (Polessa, 2021, p. 233).

A situação depois do colapso realmente ficou desfavorável em relação a vida em sociedade. Se antes era considerado precária, após a queda da sociedade ficou irreconhecível a medida que locais antes cheios de vida ficaram em ruínas, depredações e vandalismos profanação de lugares antes estimados tornaram-se símbolos de uma decadência sistemática da antiga sociedade. A autora nos demonstra aquilo que é comum as sociedades que passam por esse processo a destruição do patrimônio cultural e social após a queda de um sistema e de garantias de um “bem estar” em prol de aquilo que se achou como solução mas gerou apenas uma coisa uma crise que por sua vez levou ao colapso da civilização.

A pandemia de 2020 ensinou os meios. Primeiro o medo, a desinformação, a leviandade, a irresponsabilidade do governo federal, a falta de humanidade, a falta de senso comunitário, coletivo, depois o espetáculo das mortes, o aumento dos preços, as Bolsas quebrando, os sistemas de saúde entrando em curto-circuito. Fecharam fronteiras e aconselharam as pessoas a se manterem em resguardo. Cumpru-se isso em partes. Houve quem desfilou sua ignorância e seu

mau- caratismo pelas ruas. Para alguns, foi essencial estar fora de casa. Depois os congressos votaram pacotes de resgate econômico. Passado um ano, os países voltaram a crescer, disseram. Sanções foram impostas. Viagens continuaram a ser restringidas. O mundo precisava do sacrifício de todos, diziam. De quase todos. Os degredados, esses continuaram morrendo como morriam antes (Polesso, 2021, p. 226).

A distopia se torna real em relação ao tempo e ao espaço do presente, tornando-se um espelho atemporal das circunstâncias e situações humanas refletindo aquilo que mais tememos, numa espécie de alerta, ou como na bíblia uma parábola de uma profecia que pode se concretizar se não mudarmos de atitudes. A distopia como observamos, de certa forma nos faz perceber e refletir o que está acontecendo em nosso presente que pode refletir em um futuro desfavorável para humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa vimos que a obra “*A extinção das abelhas*” (2021) aborda de maneira muito incisiva as questões que envolvem a realidade brasileira e do mundo, os problemas do antropoceno e a questão da distopia. Após uma base de discussão a partir dos textos teóricos (essenciais para nossa análise) e posteriormente uma leitura mais detida nas passagens que configuram e valorizam o romance, podemos concluir que esta obra tem sua importância visto que mantém acurado senso crítico sobre a sociedade ao retrata vários aspectos socioambientais, que englobam políticas públicas e posturas ambientais, os caminhos para o futuro. A escolha deste romance se dá ao fato de que a autora consegue expressar muito bem cada temática socioambiental de acordo com a história da personagem principal, dispondo assim de várias possibilidades de análises. Tais temas, aparentemente transversais, compõe a forma de vida da protagonista, afetada socialmente pelos impactos do colapso do mundo. É importante ressaltar que a pesquisa sobre a obra não se encerra aqui, pois há muito a ser debatido e aprofundado tanto sobre a forma deste romance quanto sobre seu conteúdo.

As questões abordadas na análise desta pesquisa são relevantes para a vida em sociedade, em razão de que podemos observar temas como o antropoceno, uma nova era geológica marcada pelo impacto do ser humano no meio ambiente, impactos que presenciamos em nosso presente e podemos refletir acerca das consequências que podem surgir a partir da ação humana no meio ambiente. Em relação a distopia, levamos em consideração como um aviso para a humanidade, dado que se continuarmos com todos os feitos que estão prejudicando o planeta, a natureza e até nos mesmos, como foi visto no antropoceno. Infelizmente em nosso futuro poderá ter aspectos que hoje são considerados como distopia, a qual se remete a um lugar ruim, quer dizer, uma representação imaginária de uma sociedade opressora, tendo como predominância a violência, privação de direitos e dentre outros.

A partir desta pesquisa, enfatizo o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, na universidade, visto que, dispõe de conhecimentos científicos os quais os alunos de graduação tem contato, e posteriormente produz mais conhecimentos. A exemplo desta pesquisa que, concebe retorno positivo tanto para o aluno que se aprofunda nos estudos, e também para universidade e sociedade, demandando pensamentos críticos em relação aos modos de vidas contemporâneos.

Portanto, cabe não somente discutir e abarcar as respectivas questões do romance,

mas apresentar de forma didática a sociedade a necessidade de enxergar os problemas que nos rodeiam e agir de modo a inibir o seu pior cenário de concretizar-se. De forma geral essa pesquisa se apresentou como uma experiência significativa não somente como aluna e pesquisadora, mas pessoalmente enquanto ser humano, ao apresentar dilemas que necessitavam de uma reflexão aprofundada de questões que normalmente não perpassariam, contribuindo para minha formação não somente acadêmica, mas humana e cidadã, fornecendo meios para desenvolver uma visão ampla de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. Machado de Assis: obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2.
- CAIRES, SC; BARCELOS, D. **Colapso das abelhas**: Possíveis causas e consequências do seu desaparecimento na natureza. ACTA Apicola Brasilica, [S. l.], v. 1, pág. 11–15, 2017. DOI: 10.18378/aab.v5i1.5294. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/APB/article/view/5294>. Acesso em: 19 mai. 2024.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9º ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, pág. 14, 2006.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, pág. 1, 2012. INPE- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. **Perguntas Frequentes**: Monitoramento do território: mudanças climáticas. 2017. Disponível em: <http://www.inpe.br/faq/index.php?pai=9>. Acesso: 19/03/2024.
- LAWRENCE, Francis. **Jogos Vorazes**. (s/n). Filme (2h 22min) Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/70206672>
- LIMA, Felipe Benicio de. **O Neodistópico: Metamorfoses da Distopia no Século XXI: Teoria, Política e Poética da Distopia**. Tese de Doutorado. U.F.A.L(Universidade Federal de Alagoas). 2022. Pg 26-55
- MARRAS, Stelio; TADDEI, Renzo. **O antropoceno sobre modos de compor mundos**. Editora Fino traço. E-book. Belo Horizonte-MG.2022. Pág 9-11.
- MENEGAT, Marildo. Um intelectual diante da barbárie. **O novo tempo do mundo**: e outros estudos sobre a era da emergência. ARANTES, Paulo. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MICKLE, Jim. **Sweet Tooth**. Estados Unidos. Série (480 minutos). Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81221380?source=35>.
- ORWELL, George, **1984**. 45 ed. São Paulo. Companhia das Letras. 2009. 414 p.
- ORWELL, George, **A Revolução dos Bichos**. Tradução: Karla Lima. 1º ed. São Paulo. Principis. 2021. 96 p.
- POLESSO, Natalia Borges. **A extinção das abelhas**. 1º ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2021. 305 p.
- SILVA, Marcus Vinícius Chagas da. **Geologia Geral** / Marcus Vinícius Chagas da Silva, Andrea Bezerra Crispim. - Fortaleza: EdUECE, 2015. Acessado em: 20 de abril de 2024. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes>.

TORRES, Fresia Soledad Ricardi. **No final do último segundo do tempo geológico: o quaternário.** Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/paleoblog/2016/11/09/no-final-do-ultimo-segundo-do-tempo-geologico-o-quaternario/> acesso em: 09 de abril 2024

TORRES, Sonia. **O antropoceno e a antropocena pós-humana:** Narrativas de catástrofe e contaminação. Ilha do Desterro. Florianópolis. v. 70, nº 2, p. 93-105, mai/ago 2017.